

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA

ALINE ILADI

**COLÔNIA DE FÉRIAS CULTURAL EM CRICIÚMA/SC COMO ESPAÇO
NÃO FORMAL DE EDUCAÇÃO EM ARTE**

CRICIÚMA

2015

ALINE ILADI

**COLÔNIA DE FÉRIAS CULTURAL EM CRICIÚMA/SC COMO ESPAÇO
NÃO FORMAL DE EDUCAÇÃO EM ARTE**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Licenciada no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof.^a Ma. Édina Regina Baumer

**CRICIÚMA
2015**

ALINE ILADI

**COLÔNIA DE FÉRIAS CULTURAL EM CRICIÚMA/SC COMO ESPAÇO NÃO
FORMAL DE EDUCAÇÃO EM ARTE**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciada, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, 23 de Novembro de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Édina Regina Baumer - Mestre - (UNESC) - Orientadora

Prof^a. Amalhene Baesso Reddig - Mestre - (UNESC)

Prof^a. Aurélia Regina de Souza Honorato - Doutora - (UNESC)

Dedico à minha família que esteve ao meu lado me apoiando durante toda esta trajetória.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado forças para dar continuidade ao curso após ter me afastado por problemas de saúde.

A minha família, pais, avós e tios que me ajudaram nessa longa caminhada de estudos.

A minha professora orientadora Édina Baumer, que mesmo após várias mudanças de tema e cronograma do meu TCC, se manteve firme e sempre me auxiliando no meu processo de aprendizagem e construção do TCC.

Ao coordenador do curso de Artes Visuais Marcelo Feldhaus, que me orientou e me auxiliou no processo de interromper e regressar ao curso, mostrando que a minha saúde vinha em primeiro lugar e que a instituição e professores estavam dispostos a me ajudar a concluir minha graduação.

A Helen Rampinelli Galeria Ateliê que abriu suas portas para que eu voltasse às atividades no ramo da arte, possibilitando o meu reencontro com o ensino e vivência da arte.

A professora Amalhene Baesso Reddig, Lenita e Daniele Zacarão, que abriram meus olhos para o tema deste TCC, me fazendo perceber o quão rica seria minha pesquisa e como acrescentaria conhecimentos aos meus estudos.

Por fim, agradeço a todos que de alguma forma me auxiliaram nessa trajetória para que eu conseguisse concluí-la, obrigada.

“Arte é mais, muito mais. Esboços, técnicas combinadas, performances, instalações, ready-mades, cenários, arte-objeto – o que implica todos aqueles materiais estranhos na oficina”.

Anna Marie Holm

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo verificar qual a relevância da Colônia de Férias Cultural, realizada no mês de julho de 2015, com 25 participantes entre 6 e 12 anos, na Helen Rampinelli Galeria Ateliê, em Criciúma/SC, para a formação cultural dos familiares e crianças que participaram da colônia. Seus objetivos específicos são: investigar a importância de aprender arte em espaços alternativos além das salas de aula; avaliar se a Colônia de Férias Cultural possibilitou novos conhecimentos sobre arte por meio de suas atividades; Identificar por meio de questionários qual a reação das famílias e das crianças com a realização da Colônia de Férias Cultural na cidade de Criciúma/SC. A pesquisa caracteriza-se como de natureza básica com abordagem qualitativa partindo de revisão bibliográfica e realiza coleta de dados através de questionários para os pais e seus filhos que participaram da colônia. A fundamentação teórica é dividida em capítulos e subcapítulos, iniciando por um capítulo com enfoque o fazer artístico na infância, que tem continuidade na próxima escrita, sobre aprender arte em espaços não formais de educação. Nesses dois estudos destacam-se os autores Buoro (2003), Leite e Ostetto (2005), Fritzen e Moreira (2008), Ferreira (2003), Iavelberg (2003) e Martins, Picosque e Guerra(1998). Relato no terceiro capítulo a experiência da Colônia de Férias Cultural na Helen Rampinelli Galeria Ateliê, fundamentando as ideias a partir de Makowiecky e Oliveira (2008), Martins (2005), Holm (2005) e Kramer e Leite (2007). Como proposta de curso, um workshop com o propósito de valorizar o ensino em espaços não formais e tendo como público alvo as secretarias de educação da AMREC. A pesquisa revelou que há um grande interesse das crianças em aprender nos espaços não formais de educação e que as atividades realizadas nas oficinas possibilitaram novos conhecimentos sobre arte e ampliaram a formação cultural dos participantes. Conclui-se que esses espaços se mostram relevantes no processo de ensino e aprendizagem da arte.

Palavras-chave: Ensino da Arte. Espaço não formal. Colônia de Férias. Formação Cultural.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Cartaz de divulgação.....	19
Figura 2 – Atividade pintura.....	21
Figura 3 – Confeção do livro.....	24
Figura 4 – Exposição.....	26
Figura 5 – Convite para exposição.....	26

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMREC	Associação dos Municípios da Região Carbonífera
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
PMC	Plano Municipal de Cultura
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 O FAZER ARTÍSTICO NA INFÂNCIA	14
3 APRENDER ARTE EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE EDUCAÇÃO	17
4 A EXPERIÊNCIA: A COLÔNIA DE FÉRIAS CULTURAL	20
4.1 A PRIMEIRA TURMA.....	21
4.2 A SEGUNDA TURMA.....	25
4.3 A EXPOSIÇÃO.....	27
5 METODOLOGIA	29
6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	31
7 PROJETO DE CURSO	35
7.1 TÍTULO.....	35
7.2 EMENTA	35
7.3 CARGA HORÁRIA	35
7.4 PÚBLICO ALVO	35
7.5 JUSTIFICATIVA	35
7.6 OBJETIVOS	35
7.6.1 GERAL	35
7.6.2 ESPECÍFICOS	35
7.7 METODOLOGIA.....	37
8 CONCLUSÃO	38
REFERÊNCIAS	40
APENDICE(S)	42

1 INTRODUÇÃO

Ao reingressar no curso de Artes Visuais – Licenciatura, no ano de 2015, após um período de dois anos de recesso, reiniciei as atividades voltadas à pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Diversas ideias pairaram sobre minha mente a respeito do que eu poderia me aprofundar, porém, após uma conversa com professores do curso percebi que meu objeto de pesquisa estava mais próximo do que eu imaginava.

No mês de julho, aconteceu em Criciúma, na Helen Rampinelli Galeria Ateliê¹, a Colônia de Férias Cultural. Por trabalhar no local, participei da organização e mediação das oficinas realizadas durante a colônia. A ideia surgiu após analisarmos experiências de colônias de férias em outras cidades e então a proprietária da galeria, Helen Rampinelli², a mediadora, Daniele Zacarão³, das oficinas e eu, percebemos que atividades desse gênero não existiam por aqui. Elaboramos as atividades, pensando em explorar, no decorrer de uma semana de colônia, diversas linguagens da arte. Com a grande procura de inscrições, foi aberta uma segunda semana para outra turma, totalizando 25 participantes, divididos em duas turmas, uma por semana. Ao final da colônia, foi realizada uma exposição, denominada “Mini”, com as produções resultantes da oficina.

Durante o período de visitação da exposição, uma professora do curso de artes, Amalhene Baesso Reddig⁴, juntamente com a Daniele Zacarão, me

¹ Helen Rampinelli Galeria Ateliê: Fundada em 2011, surge com o propósito de ter em um mesmo local o ateliê da artista e proprietária Helen Rampinelli, e também um espaço expositivo.

² Helen Rampinelli: Artista plástica, formada no Curso de Educação Artística – Habilitação em Artes Plásticas, Fundação Educacional de Criciúma – FUCRI – Criciúma/SC,1989-1990. Curso de Educação Artística – Licenciatura Curta, Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina – UDESC – Florianópolis/SC,1982-1983. Curso Pós Graduação Lato Sensu Educação Estética: Arte e as Perspectivas Contemporâneas – UNESC – Criciúma/SC. Proprietária da Helen Rampinelli Galeria Ateliê.

³ Daniele Cristina Zacarão Pereira: É artista e gestora cultural, bacharel em Artes Visuais (2009) e pós-graduanda em Educação Estética: Arte e as Perspectivas Contemporâneas (2012) pela Universidade do Extremo Sul Catarinense ? UNESC. Coordenou a Galeria de Arte Contemporânea do Centro Cultural Jorge Zanatta (2009 - 2012) e a Galeria de Arte Octávia Búrigo Gaidzinski (2013 - 2015). Atuou como membro do Conselho Municipal de Políticas Culturais de Criciúma COMCCRI (2009 ? 2015). Atualmente é colaboradora da plataforma projeto : projeto e membro da Associação Sul Catarinense de Artes Visuais ASCAV.

⁴ Amalhene Baesso Reddig: Mestre em Educação pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (2007). Professora Universitária com experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Permanente, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, cultura, arte, museus, identidade e infância. Coordenadora do Setor Arte e Cultura da PROPEX/UNESC; Coordenadora Pedagógica do Arte na Escola- Polo Unesc. Atua como professora em diversos cursos da Unesc, incluindo o curso de Artes Visuais; Pesquisadora do GEDEST - Grupo de Ensino Pesquisa e Extensão em Educação Estética; Membro do Grupo de Estudos em Museus. Produtora e Gestora Cultural com experiência em projetos aprovados na Lei Rouanet (Ministério da Cultura). Presidente do Conselho Municipal de Políticas Culturais de Criciúma (COMCRI).

indagaram sobre o tema da pesquisa de TCC e de como seria relevante para o campo do ensino da arte um estudo fundamentado da Colônia de Férias Cultural. Refleti sobre o assunto, discuti sobre o mesmo com minha orientadora do TCC e pude perceber o quanto a colônia causou impacto na cidade. Partindo disto, indaguei-me: qual a relevância da Colônia de Férias Cultural, realizada no mês de julho de 2015, com 25 participantes entre 6 e 12 anos, na Helen Rampinelli Galeria Ateliê, em Criciúma/SC, para a formação cultural dos familiares e crianças que participaram da colônia?

Para tentar responder aos meus próprios questionamentos, levantei alguns objetivos específicos a serem levados em consideração durante a pesquisa, tais como: investigar a importância de aprender arte em espaços alternativos além das salas de aula; avaliar se a Colônia de Férias Cultural possibilitou novos conhecimentos sobre arte por meio de suas atividades; Identificar por meio de questionários qual a reação das famílias e das crianças com a realização da Colônia de Férias Cultural na cidade de Criciúma/SC.

Partindo dessas indagações, o objetivo geral da pesquisa foi verificar que importância teve a Colônia de Férias Cultural em Criciúma, se ela realmente possibilitou novos conhecimentos aos familiares e participantes da oficina. Optei por realizar uma pesquisa básica, descritiva e com abordagem qualitativa dos dados coletados na pesquisa de campo.

Início com um capítulo intitulado '*O fazer artístico na infância*', apresentando conceitos sobre o ensino e a aprendizagem da arte, elaborados por alguns estudiosos como Ferreira (2003), Iavelberg (2003) e Martins, Picosque e Guerra (1998). Em seguida escrevo sobre '*Aprender arte em espaços não formais de educação*' onde cito os autores Buoro (2003), Leite e Ostetto (2005), Fritzen e Moreira (2008) a respeito da importância e possibilidades de aprendizagem da arte em espaços não formais. No terceiro capítulo relato '*A experiência: a colônia de férias cultural*', dividido em 3 subcapítulos, '*a primeira turma*', '*a segunda turma*' e '*a exposição*', fundamentando as ideias a partir de Makowiecky e Oliveira (2008), Martins (2005), Holm (2005) e Kramer e Leite (2007).

Posteriormente escrevo a Metodologia desta pesquisa, embasada nos autores Demo (2008), Junior (2008), Silva (2001) e Gil (2008). Partindo para a Apresentação e Análise de Dados, trago os resultados que obtive por meio dos

questionários respondidos pelos pais e seus filhos que participaram da colônia, conversando com Holm (2005), Leite e Ostetto (2005) e Iavelberg (2003). Em seguida trago um Projeto de Curso com a proposta de palestra para as secretarias de cultura da região da AMREC, com o objetivo de oportunizar o reconhecimento dos espaços não formais como potencialidades para o ensino da arte, enfatizando a mediação cultural e por fim concluo a pesquisa.

2 O FAZER ARTÍSTICO NA INFÂNCIA

Frequentemente a arte é vista como ferramenta na escola, sendo um estereótipo criado pelo senso comum e presente também, em geral, em demais espaços das sociedades. De modo geral carecemos compreender a arte para além das habilidades técnicas e como contribuição direta na formação cultural de cada cidadão.

Ao ingressar na educação básica cada criança entra em contato com a arte por meio da disciplina no currículo escolar. Por muitas vezes, um ensino carregado de padrões e estereótipos desestimulam a criatividade do educando, assim como afirma Buoro (2003, p. 36-37):

O estereótipo torna-se alternativa facilmente adotada na expressão plástica por se apresentar como forma segura de representação [...]. Essa busca de garantia de aprovação resulta em trabalhos mecânicos, acomodados, sem desafios. Por volta dos nove anos, a criança passa a valorizar a representação fiel e exata do real e a perder o interesse pelo desenho diante da dificuldade de reproduzir “realisticamente” os objetos. Ela entra na fase do “eu não sei desenhar”.

Se aprender arte para criança resumir-se a fazer cópias, como citado por Buoro, o desinteresse será inevitável. Passou o tempo em que aprender arte era desenhar estereótipos, pintar desenhos mimeografados e permanecer entre as quatro paredes da sala de aula.

Há muito se discute sobre o ensino da arte e seus métodos de aprendizagem. A obrigatoriedade conquistada por meio da LDB de 1996, lei n. 9.394, art. 26, parágrafo 2º, afirma que: “o ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”. Essa determinação garante o ensino da arte dentro da escola como disciplina do currículo escolar, porém me pergunto: aprender sobre arte é uma ação restrita às salas de aula? Somente na escola a criança consegue se desenvolver culturalmente, reconhecendo a si mesma como produtora de cultura?

Espaços não formais de ensino de arte podem proporcionar à criança experiências de vivenciar a arte, reconhecendo-a como capacidade de criação do sujeito, produtor de cultura. Para tal, tanto o ensino quanto esses espaços precisam se adaptar aos novos tempos, assim como diz Leite (2005) ao citar que os museus

têm-se tornado espaços de educação informal, onde ocorrem troca de opiniões, emoções, sentimentos e convivência.

Vemos então que tanto as escolas quanto os espaços não formais necessitam instigar na criança o sentimento de curiosidade, a percepção do mundo e seu papel nele. Fritzen e Moreira (2008, p. 44) dizem que:

Cabe à escola, aos professores mediadores de cultura e aos diferentes espaços de produção cultural não só possibilitar, desenvolver e promover situações que envolvam a criação, mas desafiar, provocar, instigar o pensamento divergente e suas contradições, a sensibilidade, a busca de significado, a construção de novas relações. Pensar o processo criador é alimentar a relação significativa e inquieta com o conhecimento, que é construído na criação, na transformação e na recriação de hipóteses em constante movimento, como pulsão de vida.

Precisamos levar em consideração que estamos em um período da história em que as crianças estão crescendo em uma realidade bastante diferente da que vivemos há anos atrás e que esse novo mundo influencia no processo criativo de cada um. Esse sujeito criativo só poderá existir dentro de uma linguagem criada sobre ele e para ele, afirma Buoro (2003).

Nesse sentido, o desenvolvimento de habilidades artísticas no período infantil de aprendizagem atrela-se à capacidade de expressar conhecimentos e valores intrínsecos de cada criança e nesse sentido, o contato com as diversas linguagens da arte possibilita um maior campo de exploração criativa do seu pensar. É por meio da arte que conhecemos a nossa história – por exemplo, a arte rupestre que nos possibilitou compreender o estilo de vida daquela época – e poderá ser através dela que nos resignificaremos no presente, deixando nossa marca para o futuro. Logo, desde a infância, consideramos o indivíduo como sujeito ativo no processo de criação e recriação, uma vez que seja possibilitada a sua expressão em produções culturais, assim:

A arte, então, deixa de ser concebida apenas como um campo diferenciado da atividade social e passa a ser, também, um modo de praticar a cultura. Ela abrange as atividades ou os aspectos de atividades de uma cultura em que o sensível e o imaginário são trabalhados, objetivando alcançar o prazer e desenvolver a identidade simbólica de um povo ou uma classe social, visando a uma práxis transformadora. (FRITZEN; MOREIRA, 2008, p. 45).

No processo criativo possibilitado pela imaginação da criança existe um mundo cheio de simbologias que permite, por meio da brincadeira, aprender a se colocar no lugar do outro, a tomar decisões e de como tudo isso irá repercutir na sua realidade. A inventividade instiga a criança a pensar em formas de externar suas ideias e significações.

Ao visitar uma exposição de arte, por exemplo, a pessoa entra em contato com diversas obras, procurando compreendê-las reconhecendo-as no contexto em que vive na maioria das vezes. A ação educativa realizada por espaços não-formais de arte, como uma galeria de arte, precisa considerar a imaginação das crianças em relação ao que estão apreciando ali. Foi-se o tempo em que essas atividades se resumiam a escolher uma obra e copiá-la em uma folha de papel, como diz Ferreira (2003, p. 29) em que “A técnica pela técnica, a cópia pela cópia (ou releitura pela releitura) traduzem-se em atividades mecânicas, incapazes de produzir sentidos para os alunos.”. Resignificar a obra, atribuindo a ela sentidos que emergem dos conhecimentos já adquiridos – ou do seu repertório cultural – faz com que a criança veja a arte como importante em sua vida e que o fazer artístico não é uma possibilidade exclusiva da ação dos artistas.

Sendo assim, seja na escola ou fora dela, cabe ao educador entender essas particularidades e elaborar propostas que possibilitem a produção artística de forma original, cada um com suas especificidades. Ferreira (2003, p. 33) explica que:

Nenhuma proposta pedagógica é, em si, adequada a toda e qualquer situação de ensino e aprendizagem. Para poder ser colocada em prática, ela necessita ser apropriada pelo professor, ser reconstruída, precisa fazer sentido para ele e para os alunos. [...] Ela precisa, ainda, ser adequada aos alunos, a fim de que não se transforme num exercício mecânico desprovido de sentido.

Partindo dos conceitos estudados até este momento, podemos refletir sobre a importância de possibilitar o processo criativo desde a infância; isso é respeitar a individualidade, visto que cada um carrega em si experiências únicas e seu modo de ver e compreender a realidade é singular.

3 APRENDER ARTE EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE EDUCAÇÃO

O contato com ambientes na cidade, que propiciem o reconhecimento da cultura local e oportunizem a pessoa a conhecer artistas que produzem arte na mesma região em que vive, auxilia na construção do conhecimento de cada um. Enfatizo essa importância do contato com a arte para além das salas de aula, pois o contato direto, como exemplo, com uma produção de arte traz emoções e indagações que podem surgir por meio dessa aproximação.

Somos seduzidos e cativados pela multiplicidade de sentimentos que coexistem numa obra, pelas diferentes significações e atribuições de sentido que fazemos no contato com ela. Encontro sensível, criador, transformados do próprio sujeito e da obra contemplada por ele. A cada nova visita a uma mesma obra, uma descoberta diferente, um novo desejo, novos sentidos. (LEITE; OSTETTO, 2005, p. 79).

Podemos ver então que a arte instiga o seu aprendiz a pensar, refletir sobre o que vê. Leite e Ostetto (2005) trazem em sua escrita um relato de dois guardas de um determinado museu que ela havia visitado, tiveram no seu período escolar. O que aprenderam não condizia com o que viam no museu em que trabalhavam. Por outro lado, o conhecimento que eles construíram em sua vivência nos museus, segundo a autora, os auxiliara a compreender a arte e seu papel na formação cultural deles e da sociedade.

No entanto, como estudantes da licenciatura em Artes Visuais, percebemos que o ideal é que esse contato ocorra no período de formação das crianças, adolescentes e jovens, ainda na educação básica, porém nunca é tarde para se integrar no mundo que a arte proporciona.

Ampliar o público de museus e instituições culturais aponta para um futuro melhor no que diz respeito ao papel da arte na sociedade e na vida dos indivíduos, e, sem dúvida, a ação educativa dessas instituições tem uma função importante na participação e garantia de acesso à cultura para todos. (IAVELBERG, 2003, p. 75).

Iavelberg (2003) reforça como os espaços além das salas de aula têm grande importância no que diz respeito ao papel da arte na sociedade, porém levanta uma questão sobre a ação educativa que esses locais possibilitam aos seus frequentadores. Tão importante quanto ir a esses ambientes é saber como o

apreciador se insere nesse meio.

Aprender arte em espaços não formais de educação – como em um espaço expositivo de arte – é ir além da mera observação da obra, de escutar um monitor discursar um grande texto sobre a obra e, algumas vezes, fechar o olhar do apreciador.

O texto escrito não pode invadir as artes visuais. Caso contrário, “o conhecedor é tão preso à qualidade técnica da obra, que sonha com a Arte e o artista, e não com a coisa. Está sempre fora da cena, nunca chega até ela” (Galard 1999b, p1). Há outros recursos para que o discurso de palavras fique acessível sem ser invasor. A discussão sobre o objeto e sua comunicação está posta ainda hoje, especialmente dentro do espectro de museus. (LEITE; OSTETTO, 2005, p. 34).

Podemos observar a relevância de que esses espaços estejam preparados para receber o público, principalmente as crianças que estão no período de formação integral. Cada aprendiz traz suas experiências de vida que influenciarão na percepção do que observam. Logo, o significado do que veem não estará restrito ao texto que provavelmente o acompanha, mas sim poderá promover a ressignificação do objeto a partir do saber de cada um. Ao mediador cabe proporcionar essas reflexões, seja por meio de oficinas, por exemplo, onde

Seu foco principal está na percepção/análise e no conhecimento da produção artístico-estética, no entanto o centro não está na informação dada, mas na capacidade de atribuir sentido, construir conceitos, ampliá-los pelas ideias compartilhadas entre os parceiros [...]. (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 1998, p.141).

A possibilidade de aproximar o aprendiz da arte em ações para além da sala de aula se mostrou significativa até este momento na pesquisa, porém indago sobre como estabelecer essa relação com a produção artístico-cultural da própria sociedade em que a criança, o adolescente ou o jovem se insere.

Conhecer museus famosos, de artistas consagrados, muito contribui para a construção do saber. Com minha experiência na mediação da Colônia de Férias Cultural, fui surpreendida ao ver que grande parte dos participantes já havia conhecido museus e artistas aclamados mundialmente, porém percebi a carência de

conhecimento relativo aos artistas regionais⁵. Oportunizar a criança que reconheça que sua própria cidade pode ser produtora artística-cultural, a instiga a refletir e se sentir dentro da arte e da cultura. Quantas cidades possuem galerias que expõem e valorizam os artistas locais e a população não conhece? Ao educador cabe criar essa ponte entre o aprendiz e a cultura local, assim como afirma Lavelberg (2003, p. 22):

O próprio contexto educativo pode gerar conteúdos com a inclusão das culturas locais nos planejamentos escolares. [...] Estudar as particularidades de cada região e estabelecer relações com contextos comunitários próximos e distantes produz motivação para aprender, promove a educação ética, a cidadania, as práticas de inclusão social e amplia a visão crítica sobre questões do cotidiano no tempo e no espaço.

A partir desta revisão bibliográfica podemos começar a refletir sobre qual a relevância da Colônia de Férias Cultural, realizada no mês de julho de 2015, com 25 participantes entre 6 e 12 anos, na Helen Rampinelli Galeria Ateliê, em Criciúma/SC, para a formação cultural dos familiares e crianças que participaram da colônia, experiência essa a ser relatada no próximo capítulo.

⁵ Com o objetivo de dar visibilidade aos artistas regionais, desenvolvi em meu grupo de estágio VI, da 8ª fase do curso de Licenciatura em Artes Visuais, o projeto Rota Dos Ateliês: Mapeamento Cultural da cidade de Criciúma de espaços abertos para visitação educacional, turístico-cultural de Criciúma/SC, 2015.

4 A EXPERIÊNCIA: COLÔNIA DE FÉRIAS CULTURAL

A ideia da colônia surgiu com o desejo de possibilitar as crianças atividades que divertissem e ao mesmo tempo, possibilitassem novos conhecimentos de forma diferente do que já tinham em sala de aula. Após uma pesquisa sobre outras colônias realizadas em diversas cidades, Helen Rampinelli, Daniele Zacarão e eu, resolvemos fazer a Colônia de Férias Cultural na Helen Rampinelli Galeria Ateliê.

Começamos a dar forma a nossa ideia averiguando o espaço e sua capacidade de acolher as crianças chegando ao número de 15 por turma. Elaboramos um cronograma a ser seguido no decorrer de uma semana, no período vespertino. Por querer possibilitar às crianças contato com diversas linguagens da arte organizamos as atividades de forma que abrangessem desenho, pintura, escultura, fotografia e vídeo interrelacionando-as entre si.

Após o cronograma feito, avaliamos os custos de materiais e lanches que seriam disponibilizados durante a colônia e criamos um *flyer* de divulgação (figura 1), que circulou através das redes sociais.

Figura 1: cartaz de divulgação



Fonte: Acervo da pesquisadora

Com a divulgação registramos a procura dos pais para inscreverem seus filhos na colônia, totalizando treze crianças na turma 1, de vinte a vinte e quatro de julho e treze crianças na turma 2, de vinte e sete a trinta e um de julho.

4.1 A PRIMEIRA TURMA

No dia vinte, por volta das 13h20, começaram a chegar os primeiros participantes da turma 1, completando-a por volta das 13h40. Iniciamos nos apresentando, Daniele, Helen, Juliana e eu, Aline, para as crianças e propusemos uma atividade para que eles se conhecessem. Alguns se conheciam e outros não e após essa atividade as crianças começaram a interagir mais umas com as outras.

Devidamente apresentados, fomos fazer uma visita guiada por Daniele, na exposição que estava ocorrendo na Helen Rampinelli Galeria Ateliê, a Experimentação 1⁶. Perguntamos se alguém já havia visitado alguma exposição e se conheciam artistas. Alguns tinham experiências em museus fora do estado e até do país, porém quando indagados sobre artistas da própria cidade, poucos sabiam. Essa situação fez lembrar que:

Visitar museus, ir a shows, conhecer pontos turísticos parece ser a opção mais óbvia ao visitante de uma cidade desconhecida. E quando falamos de nossa própria cidade? O que nossa cidade – seja ela qual for – oferece de formação cultural a seus habitantes? Que tipo de experiência estética podemos ter em nossa cidade? (MAKOWIECKY; OLIVEIRA, 2008, p. 56).

Assim iniciamos a visita na exposição, que apresentava produções de artistas da região. As crianças liam as etiquetas e faziam a relação do nome dos trabalhos com o que viam na obra. Ao final da visita, cada criança escolheu a obra com que mais se identificou e foi fotografada com ela.

Antes de retornar ao ateliê, fizemos uma pausa para o lanche, em que as crianças se alimentaram e brincaram um pouco, voltando para as atividades após 20 minutos.

Iniciamos a atividade de pintura após o lanche, propondo que as crianças se representassem nas telas visitando a exposição. A empolgação tomou conta do

⁶ Experimentação 1 - mostra que reúne artistas de Criciúma, Nova Veneza e Florianópolis, cujos trabalhos apresentam qualidades plástica-conceituais de grande relevância. Neste momento, as obras serão comercializadas, enfatizando a importância de se adquirir um trabalho de arte.

espaço após o primeiro contato com as telas, tintas e pincéis como representado na figura 2.

Figura 2: atividade pintura



Fonte: Acervo da pesquisadora

Ao terminarem as telas, íamos fotografando as crianças com suas produções. Encerrando o dia, organizamos o ateliê e por volta das 17h20 os pais chegaram para buscá-los.

No segundo dia de colônia, apresentei às crianças o livro 'Pula Gato'⁷, que conta a história de uma menina que visitava uma exposição de arte. Optamos por esse livro devido a ele não ter falas, mostrando que somente ilustrações também formam uma bela história. As crianças criaram um nome para a personagem e fomos narrando os acontecimentos no folhear das páginas. No final da leitura, propusemos a criação de seu próprio livro e as crianças confeccionaram desde a costura das folhas e capas até o desenvolvimento da história.

Todos se mostraram empolgados e tivemos relatos de alguns que adoraram a ideia de fazer livros, pois quando queriam fazer em casa, apenas juntavam algumas folhas e grampeavam, o que não ficava bom, segundo eles. Dessa forma foi possível observar que:

Ampliar conhecimentos, por meio da mediação pode ser, assim como diz a professora com cinco anos de magistério: o ato de estimular o aluno a olhar e observar, detalhar a visão e explorar o seu próprio universo. A mediação

⁷ CASTANHA, Marilda. **Pula Gato**. Ed. Scipione, 2008. Sinopse: Em visita a uma galeria de arte, com obras de artistas brasileiros, uma garota é surpreendida pelo gato de uma tela que admirara pouco antes. Uma história inteligente, que fala da relação do público com a obra de arte. Neste livro, a autora faz uma releitura de obras de artistas importantes, como Tarsila do Amaral, Amilcar de Castro, Candido Portinari e Oswaldo Goeldi.

não é imposição de ideias, mas a estimulação da visão: não é fazer com que o aluno veja o que eu quero, mas colher todas as observações que ele capta com seu olhar. (MARTINS, 2005, p. 45).

Dentre as histórias, tivemos escritas, histórias em quadrinhos e algumas apenas com desenhos. Fizemos uma breve pausa para o lanche e demos continuidade ao livro. Ao final do dia, quase todos haviam terminado, os que não conseguiram teriam tempo no início do outro dia para encerrar.

O terceiro dia de colônia com a primeira turma iniciou-se com o encerramento de alguns livros que estavam inacabados. Com as finalizações feitas, fomos assistir a um vídeo da animação 'Pingu'⁸, propondo as crianças observassem bem como a animação foi feita, por meio da técnica de *stop motion*⁹ que foi explicada brevemente no momento para que elas praticassem mais tarde. Por ser uma animação com falas criadas por uma língua existente somente no filme, o entendimento se dava por meio das ações que aconteciam, o que tirou muitas gargalhadas das crianças e das mediadoras também.

Após o término do vídeo, retomamos a técnica do *stop motion* e propusemos que os personagens dos vídeos fossem feitos com massa de modelar confeccionada por eles e em grupo. Todos adoraram a ideia e antes de fazermos as massinhas, fizemos uma pausa para o lanche.

Apresentamos a receita da massinha de modelar, com ingredientes que facilmente são encontrados em casa, como farinha, sal e água. Daniele fez um montante de massa e distribuiu uma parte para cada um, afim de que eles fizessem a coloração das massas. As mãos coloridas e as constantes orientações de *aperta mais a massa porque não pegou bem a tinta* transformaram o momento em muita diversão. Com as massas finalizadas, voltamos ao ateliê onde as crianças limpavam suas mãos, se dividiram em grupos e iniciaram a criação de uma história para

⁸ Pingu é uma série de animação voltada para o público infantil, produzida pelo TricKsfilM Studios, na Suíça, sendo dirigida, animada e criada por Otmar Gutmann. Foi feita utilizando uma técnica de animação chamada stopmotion. A série teve no total 105 episódios. Em 2004, a empresa inglesa HIT Entertainment adquiriu os direitos da série e produziu duas novas temporadas, com outros 52 episódios. Exibido em pequenos filmes de 5 minutos, a animação conta a história de um pinguim que vive no Pólo Sul com seu pai, que trabalha como carteiro, sua mãe e sua pequena irmã, Pingá. Na vila onde Pingu vive há muitas coisas que existem em cidades comuns: parque de diversão, escolas, comércio e muitos lugares para brincar. O melhor amigo de Pingu é um outro pinguim chamado Pingo. Além disso, ambos são amigos de uma foca chamada *Robby*.

⁹ Stopmotion: técnica que utiliza a disposição sequencial de fotografias diferentes de um mesmo objeto inanimado para simular o seu movimento.

desenvolver o *stop motion*. Os orientamos para que utilizassem as histórias que haviam escrito nos livros para o filme, porém alguns preferiram iniciar um novo roteiro. Iniciaram as construções dos cenários, com papéis coloridos e as massinhas que tinham feito.

O quarto dia chegou e por volta das 13h30, chegaram às crianças para mais um dia de atividades. Deram continuidade ao que estavam fazendo no dia anterior, finalizando os roteiros, personagens e cenários dos seus filmes com uma pausa para o lanche no meio da produção.

Após as finalizações, demos início às edições. Tínhamos somente uma câmera fotográfica disponível, então enquanto um grupo fazia as fotos de seu filme, os outros se organizavam para fotografar, porém o final do dia chegou antes que conseguíssemos fotografar todos os filmes.

O quinto e último dia de colônia da primeira turma chegou e as crianças estavam eufóricas com a produção do filme, queriam vê-lo pronto logo, o que remeteu ao que diz Holm (2005, p. 9):

Se dermos as crianças a mesma liberdade no processo artístico que lhes damos em suas brincadeiras, as crianças chegarão a excelência no aprimoramento do processo criativo. [...] As crianças não deveriam ser preparadas para um tipo determinado de vida; deveriam, sim, receber ilimitadas oportunidades de crescimento. Aprendendo que uma tarefa pode ter várias soluções, adquirimos força e coragem. As crianças adquirem isso na oficina de arte.

Com o auxílio de um programa de computador, organizamos as fotos de cada grupo, formando cada um seu próprio filme, que seria exibido aos pais em uma mini exposição que seria realizada às 17h.

Finalizamos as edições em horário próximo das 17h e organizamos o espaço para a chegada dos pais. Dispusemos as telas e livros produzidos pelos participantes no *deck* da galeria, que é uma área de lazer localizada aos fundos do ateliê, junto com um coquetel de recepção e dentro do ateliê colocamos o projetor para o momento da exibição dos filmes em *stop motion* produzidos pelas crianças.

Com a chegada dos pais, as crianças estavam empolgadas em mostrar o que haviam criado no decorrer da semana, de como se sentiram artistas também. Os pais se mostraram alegres e satisfeitos com os resultados, alguns comentando que não sabiam que os filhos tinham aptidão para criar o que haviam feito durante a colônia. Esse fato nos fez refletir sobre o que Holm (2005) relata em seus estudos:

Eu observo, com muita frequência, que os pais exigem dos filhos que limpem, removam toda a sujeira, a bagunça, a originalidade, o que parece selvagem, o que não é certinho. [...] Quando os adultos compreenderem como a criança brinca com a arte, eles terão um melhor entendimento da arte contemporânea, saberão como se relacionar, como se comunicar com ela. (HOLM, 2005, p.158)

Após apreciarem as pinturas, os livros e desfrutarem um pouco do coquetel, reunimos todos no ateliê para uma breve fala de como foi a semana, destacando que foi um momento de aprendizado tanto para as crianças quanto para as mediadoras. Depois das falas chegou o momento da exibição dos filmes.

Um a um, os filmes foram sendo exibidos, ocasionando algumas risadas entre os presentes e muitas palmas ao final das projeções. Felizes com os resultados, os pais e filhos deixaram a galeria para voltar ao dia 31, para a exposição oficial com as produções das duas turmas.

4.2 A SEGUNDA TURMA

Dia vinte e sete chegou e iniciamos a Colônia de Férias Cultural com a segunda turma. Assim que todas as crianças chegaram, por volta das 13h30, nos apresentamos e realizamos uma atividade para que se conhecessem. Visitamos a galeria, passando pela exposição e a grande maioria relatou que já havia visitado exposições em museus. Após cada um ser fotografado com a obra que mais havia gostado, voltamos ao ateliê para dar início a atividade de pintura. Explicamos a proposta de eles se representarem visitando a exposição e então começaram a pintar. A maioria da turma era bem detalhista em suas produções, não sendo um dia o suficiente para encerrarem suas telas. Nesse sentido percebemos que:

Contribuir para a formação da sensibilidade das crianças significa incentivar e criar oportunidades para que elas se expressem, ampliem e enriqueçam suas experiências, aumentando suas possibilidades de interlocução e o entendimento da realidade que as cerca. (KRAMER; LEITE, 2007, p. 178).

No outro dia poucos alunos haviam terminado a atividade de pintura então decidimos que num primeiro momento iríamos explicar a produção do livro para que os que tivessem terminado a tela dessem início a criação dele. Lemos o livro 'Pula Gato', que a maioria já conhecia, confeccionamos o livro e quem ainda tinha sua tela para terminar, deixou o livro um pouco de lado e terminou a tela do dia anterior. Os

demais continuaram a fazer o livro, ilustrando-o e criando histórias como demonstrado na figura 3.

Figura 3: confecção do livro



Fonte: Acervo da pesquisadora

Fizemos uma pausa para o lanche e demos continuidade a atividade, que também não foi possível terminar neste dia, devido à riqueza de detalhes nos trabalhos. Orientamos a quem não tivesse terminado que levasse o livro para casa caso quisessem ou poderiam terminar no próximo dia da colônia. Todos quiseram levar seus livros para terminarem em suas casas, comprometendo-se de trazer finalizado no dia seguinte.

Chegou o terceiro dia de colônia, e por volta das 13h30 também chegaram as crianças com seus livros prontos e entusiasmadas para contar a sua história para a turma. E foi assim que iniciamos o dia, compartilhando as histórias dos livros produzidos no dia anterior. Após esse momento, exibimos o vídeo da animação 'Pingu' e propusemos a atividade do *stopmotion*. Fomos todos para a parte externa da galeria, atrás do ateliê e demos início à fabricação das massinhas de modelar que poderiam ser utilizadas para a confecção dos personagens dos filmes. Após a fabricação das massinhas e já divididos em grupos por afinidade, iniciaram a produção do roteiro do filme, cenários e personagens. Uma pequena pausa para o lanche e demos continuidade à atividade, porém o fim do dia chegou e o término ficou para o dia seguinte.

Penúltimo dia de colônia e as produções dos filmes estavam a todo vapor. Por volta das 15h, alguns grupos encerraram a confecção dos cenários e personagens, então demos início as fotos para edição. Uma pausa para o lanche e até ao final do dia, todos haviam feito suas fotos, ficando a edição para o dia

seguinte.

O último dia de colônia chegou e com ele as crianças também, empolgadas para editarem seus filmes. Projetamos a tela do computador na parede e realizamos as edições em conjunto, colocando falas e músicas. As crianças observavam atentamente a cada etapa do processo de transformar as fotos em filme por meio do programa do computador, opinando na forma como queriam que seus vídeos fossem finalizados. Ficamos admirados como todos fixaram seus olhos na projeção e sobre isso Holm (2005, p. 14) nos diz que:

A capacidade natural que a criança tem em parar frente a qualquer coisa e maravilhar-se é poderosa. Perceber o imprevisível, mesmo enquanto se trabalha com o digital. [...] Ter a habilidade de buscar o acidental e não-estruturado no computador é, hoje em dia, considerado uma qualidade.

Terminamos todas as edições a tempo de organizar todo o espaço para a abertura da exposição.

4.3 A EXPOSIÇÃO

Para o último dia, Daniele e eu preferimos ir pela manhã à galeria e dar início a montagem da exposição com as produções das crianças, para que a tarde pudéssemos nos dedicar as edições dos filmes e que tudo ficasse pronto até as 17h. Pensamos em ir pela manhã baseadas na experiência da primeira turma, em que a organização da pequena mostra de seus trabalhos foi realizada a tarde durante a colônia, fazendo com que as atividades do dia fossem feitas as pressas. Preparamos um cantinho do livro, com todos os livros dos participantes expostos para quem quisesse ler e penduramos os quadros a um metro do chão, para que ficassem à altura dos olhos das crianças, fazendo jus ao nome dessa exposição¹⁰: MINI (figura 5).

¹⁰ [...] percebe-se que a exposição é um componente fundamental do processo artístico e como pode ser utilizada para propiciar esse momento importante de comunicação. A exposição das produções artísticas dos alunos além de valorizar as atividades artísticas desenvolvidas dando-lhes um propósito evitando o fazer por fazer, ainda possibilita esse momento importante de interação [...] (BUGMANN, 2006, p. 2).

Figura 5: Exposição



Fonte: Acervo da pesquisadora

Figura 5: Convite para exposição



Fonte: Acervo da pesquisadora

Por volta das 17h, começaram a chegar os pais e alguns convidados da família, que se mostraram orgulhosos ao verem como seus filhos se sentiam artistas tendo suas produções expostas em uma galeria de arte. Crianças gostam de compartilhar o que produzem, se sentem valorizados quando veem a importância que o mediador dá aos seus trabalhos, quando ele se preocupa em organizá-los para exposição. Garcia (2000, p. 80) relata uma dessas experiências:

O aluno sente o valor de seus trabalhos, na medida em que o seu professor inicia a organização de uma pasta com seus desenhos mais significativos [...] os alunos examinavam a tal pasta e ficavam fascinados. Reagem às gargalhadas e outros ficavam tristes – os que não tinham trabalhos desde os dois anos de idade. Os pais também perceberam a importância desse documento de seus filhos.

Recepcionados com um pequeno coquetel, os ali presentes apreciaram as telas, leram os livros e assistiram a exibição dos filmes projetados na parede da galeria, como representado na figura 5, e por volta das 19h começaram a deixar o espaço, ansiosos para quando poderiam voltar e buscar suas criações e levá-las para casa, após acabar a exposição, dentro de 10 dias.

5 METODOLOGIA

Antes de iniciar uma pesquisa científica sobre determinado assunto, precisa-se saber o conceito de pesquisa. Segundo Demo (apud LEITE, 2008, p.28) pesquisa é uma “atitude processual de investigação diante do desconhecido e dos limites que a natureza e a sociedade nos impõe”. Partindo desse pensamento, tudo parte do querer conhecer e aprender sobre determinado assunto e esta pesquisa então, propôs-se a realizar uma busca de conhecimentos sobre o ensino da arte em espaços não formais.

A pesquisa traz como título ‘*Colônia De Férias Cultural Em Criciúma/Sc Como Espaço Não Formal De Educação Em Arte*’, baseando-se na indagação que conduz o estudo sendo ela: qual a relevância da Colônia de Férias Cultural, realizada no mês de julho de 2015, com 25 participantes entre 6 e 12 anos, na Helen Rampinelli Galeria Ateliê, em Criciúma/SC, para a formação cultural dos familiares e crianças que participaram da colônia? Para buscar respostas possíveis, tracei como objetivos investigar a importância de aprender arte em espaços alternativos além das salas de aula; avaliar se a Colônia de Férias Cultural possibilitou novos conhecimentos sobre arte por meio de suas atividades; Identificar por meio de questionários qual a reação das famílias e das crianças com a realização da Colônia de Férias Cultural na cidade de Criciúma/SC. Dessa forma, o estudo assume também o caráter descritivo, uma vez que este tipo de pesquisa:

[...] visa descobrir e observar fenômenos existentes, situações presentes e eventos, procurando descrevê-los, classifica-los, compará-los, interpretá-los e avalia-los, com o objetivo de aclarar situações para idealizar futuros planos e decisões. (JUNIOR, 2008, p. 83).

De acordo com as linhas de pesquisa do curso de Artes Visuais, Licenciatura, esta se enquadra na linha de Educação e Arte. A pesquisa é de natureza básica, que conforme afirma SILVA (2001, p. 20), “[...] objetiva gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais”. Considerando que as hipóteses criadas por meio desta pesquisa não poderão ser traduzidas por meio de números ou outra forma quantificável, qualifica-se esta pesquisa então como qualitativa, pois, de acordo com SILVA (2001, p. 20), os resultados provenientes da pesquisa serão um

exemplo de “um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas [...] Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas”.

A coleta de dados foi realizada por meio de revisão bibliográfica, já que conta com a base de materiais já publicados, como livros e artigos (GIL, 2008). De forma a me aprofundar especificamente no grupo da Colônia de férias, utilizei também a pesquisa de campo onde, de acordo com Gil (2008, p. 53), “[...] estuda-se um único grupo ou comunidade em termos de sua estrutura social, ou seja, ressaltando a interação entre seus componentes.”. Esta pesquisa de campo foi realizada por meio de questionários enviados aos pais dos participantes da Colônia de Férias, para que fossem respondidos junto com seus filhos.

As perguntas elaboradas foram (apêndice): Que motivos contribuíram para vocês decidirem participar da Colônia de férias Cultural? Seu (sua) filho (a) já participou de evento semelhante na cidade de Criciúma? Qual? Sobre qual das atividades seu (sua) filho (a) comentou mais com vocês, ao chegar em casa? E qual atividade seu (sua) filho (a) mais gostou de participar? Você percebeu alguma mudança no seu (sua) filho (a) após a participação na colônia? Em que sentido foi a mudança? Na sua opinião é necessário novas edições da Colônia de Férias Cultural? Por que? E na opinião de seu (sua) filho (a)?

Dos 25 convites enviados, 15 aceitaram receber o questionário e dentre eles apenas 4 foram respondidos e analisados sob a luz do referencial teórico; a partir deles construímos o capítulo seguinte, onde optamos por intitular cada participante com F1, F2, F3 E F4 para identificar as famílias que participaram (os pais e seus filhos).

6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

O primeiro questionamento da pesquisa de campo referiu-se a que motivos contribuíram para que a criança participasse da Colônia de Férias Cultural. Das quatro famílias participantes, três responderam que o motivo seria a oportunidade de ter um contato diferenciado com a arte, sendo que F1 destaca que este contato seria de forma lúdica e F3 diz que além do contato com a arte, a oportunidade de interação com outras crianças influenciou para a participação na colônia. F4 destaca o interesse da criança:

-por artes, trabalhos manuais e também para incentivar a disseminação da cultura.

Podemos ver que nesse caso, os pais procuraram alternativas de aprendizagem em que seus filhos tivessem oportunidade de conhecer sobre a arte além do que já aprendem durante o ano letivo escolar. De acordo com as respostas recebidas, percebemos que a forma lúdica de aprender em espaços não formais durante as férias é considerado de grande importância para conhecer arte. Esses espaços, diferentes das salas de aula, instigam a curiosidade da criança em explorar o local e pensar em outras formas de criar, assim como diz Holm (2005, p.13-14):

Falar de arte às crianças está na moda, e a ideia de oferecer oficinas de arte para as crianças é muito boa. Mas o problema é que não se pode criar em salas muito padronizadas. Você nunca chega a artístico, porque isso só acontece quando se está em um terreno deliciosamente instável. [...] As crianças, hoje, são fantásticas; elas são curiosas, investigativas, livres dos pensamentos convencionais, imaginativas, cheias de energia, coragem, encanto e autenticidade.

No segundo questionamento perguntei se a criança já havia participado de algum evento semelhante na cidade de Criciúma, e, dentre as quatro famílias, três responderam que não. Apenas o participante F3 disse *'sim, o minichef'*¹¹ Mesmo com F3 considerando que seu filho já havia participado de atividade semelhante, podemos verificar que um evento voltado diretamente à arte não foi citado em nenhum dos questionários. Isso mostra a carência da cidade de Criciúma em práticas voltadas para o ensino da arte fora da escola, de mostrar que seus espaços culturais também são espaços de aprendizagem, como afirmam Leite e Ostetto (2005, p. 23):

¹¹ Minichef: atividade em que durante um dia, crianças tiveram o contato com um cozinheiro e aprenderam sobre diversas receitas.

Os sujeitos, em suas interações diversas, circulam em variados espaços culturais e experienciam, também, diferentes formas de produção cultural. É no diálogo com o outro e com a cultura que cada um é constituído, desconstruído, reconstruído, cotidianamente. O acesso aos bens culturais é meio de sensibilização pessoal que possibilita, ao sujeito, apropriar-se de múltiplas linguagens, tornando-o mais aberto para a relação com o outro, favorecendo a percepção de identidade e de alteridade.

A terceira pergunta teve o objetivo de identificar qual atividade a criança mais comentou em casa e houve unanimidade, sendo que todos os participantes apontaram a produção do *stopmotion*, porém F2 diz que a construção do livro também foi muito citada no ambiente familiar.

Compreendemos aqui a forte influência da tecnologia nas crianças que tiveram seus questionários respondidos, onde uma atividade que se utilizou câmeras fotográficas e computadores se tornou tão interessante a ponto de ser a mais comentada em casa. É notável que desde cedo as crianças tem acesso as tecnologias, tais como celulares, computadores e, ao invés de tentar privar as crianças desses aparatos, por que não integrá-los no processo de ensino-aprendizagem? Aprender sobre arte com meios que lhe são familiares, torna mais interessante conhecer sobre o tema, afirma Lavelberg (2003, p. 99-100):

[...] a aprendizagem está relacionada ao sentido que tem para os aprendizes e ao que já sabem. A educação é comunicação e significação, e não simples transmissão de informações ou estímulos. É um processo em que ações com intenções educativas podem ser decodificadas, recriadas e assimiladas (atribuição de sentido) pelo sujeito da aprendizagem. [...] Os antigos recursos de produção e apreciação da arte e acesso à produção de conhecimento sobre arte (livros, revistas, jornais, gibis em HQ, máquinas fotográficas, aparelho de vídeo, TV, filmadoras, rádios, máquinas de reprografia) podem coexistir com as novas tecnologias.

A quarta questão trouxe a atividade em que a criança mais gostou de participar. F1, F3 e F4 destacam novamente a produção do *stopmotion* e F2 relata que a atividade escolhida foi a construção do livro, em que mesmo depois do encerramento das atividades da colônia, seu filho continuou produzindo livros em casa.

O interesse de continuar a produzir em suas casas utilizando o que aprenderam durante as diversas atividades da colônia, nos mostra como por exemplo, F2 anseia por ter oportunidades de criar, de expandir sua imaginação, expressando seus sentimentos, transformando a própria casa em um espaço de produção artística, assim como fizeram as crianças que participaram de uma oficina

relatada por Holm (2005), em que depois de visitarem a exposição *'Habitação'*, dos artistas Ingvar Cronhamer, Thomas Bang e o arquiteto Poul Ingmann, fotografaram suas próprias casas e com essas fotografias na oficina, todos puderam explorar a casa de cada um, procurando por objetos para ampliarem e pintarem individualmente, num segundo momento.

O quinto questionamento indaga se os pais perceberam alguma mudança no seu filho após a participação deles na colônia. Para F2 e F4, não houve mudanças significativas nas crianças, para F1 houve *um despertar de sensibilidade para a arte* e para F3 foi notado uma *grande alegria por ter conhecido novos amigos e da possibilidade de "explorar" uma galeria de arte*. Em relação a essa última resposta Leite e Ostetto, (2005, p.31) defendem um espaço de arte que seja aberto à interação da criança:

Em outras palavras: não se trata de ser exclusivamente das crianças, mas que proporcione condições de descobertas para todos, incluindo nesse *todo*, as crianças. Está, assim, referindo-se à criança-sujeito, aquela que se relaciona criticamente com a cultura e que nela se constitui.

A sexta e última questão pergunta se há a necessidade de novas edições da Colônia de Férias Cultural. As quatro famílias dizem *sim*, porém F4 opina sobre a faixa etária das inscrições:

- acredito que dividir as turmas por faixa etária é uma boa ideia, pois as habilidades e interesses são diferentes em cada idade.

Com crianças de 6 a 12 anos, as atividades da colônia foram pensadas de forma a envolver todos no processo de aprendizagem e criação artística. Com o relato de F4, percebemos que uma distância menor nas idades das crianças seria melhor para o desenvolvimento das atividades, em que os mais novos não teriam atividades tão complexas e os mais velhos não sentiriam que estavam fazendo trabalhos muito simples ou fáceis.

De forma geral, todas as famílias concordaram que a cidade precisa de mais atividades que envolvam as crianças de forma que possam aprender mesmo em seus momentos de lazer. Pergunto-me então em até que ponto o governo do município e as cidades vizinhas estão levando em consideração esta necessidade de práticas lúdicas de ensino e aprendizagem da arte. Olhando para Plano Municipal de Cultura (2011) vemos que a intenção de realizar diversas oficinas está presente

nos planos setoriais citados nas áreas de artes visuais, música, dança, teatro, literatura, cultura digital, cultura popular e patrimônio cultural e natural. De forma geral, o PMC se preocupa em preservar seus espaços culturais, oportunizando acessibilidade a estes locais, reconhecendo a população de Criciúma como formadora de cultura. Para tal destaque algumas estratégias de ação trazidas no PMC, onde o município tem por objetivo:

3.1.4 Ampliar o acesso à fruição cultural, por meio de programas voltados a crianças, jovens, idosos e pessoas com deficiência, articulando iniciativas como a oferta de transporte, descontos e ingressos gratuitos, ações educativas e visitas a equipamentos culturais. [...] 3.1.6 Promover a integração entre espaços educacionais, esportivos, praças e parques de lazer e culturais, com o objetivo de aprimorar as políticas de formação de público, especialmente na infância e juventude.

Vemos a preocupação do município ao dar importância a essas ações desde a infância em seus documentos oficiais, porém não vemos muitas atividades que coloquem em prática essas estratégias.

7 PROJETO DE CURSO

7.1 TÍTULO

A valorização do processo de ensino/aprendizagem da arte fora do ambiente escolar.

7.2 EMENTA

Workshop voltado para a valorização do ensino da arte em espaços não formais. Conhecer e aprender como se dá o processo de ensino/aprendizagem em espaços não formais de arte.

7.3 CARGA HORÁRIA

8 horas.

7.4 PÚBLICO- ALVO

Secretarias de cultura dos municípios da região da AMREC (Associação dos Municípios da Região Carbonífera).

7.5 JUSTIFICATIVA

Passou o tempo em que o ensino da arte referia-se na sua grande maioria a releituras, que no contexto das salas de aulas traduzia-se como copiar a obra, sem atribuição de significado. Assim como afirma a Proposta Curricular de Santa Catarina¹² (1998, p. 205), “É importante à ampliação das leituras estéticas nas diferentes linguagens para que o aluno possa melhor compreender o seu tempo, a sua história e a sua cultura”, indago como podemos proporcionar essa ampliação atualmente?

¹² SANTA CATARINA. Proposta Curricular de Santa Catarina: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio: Disciplinas curriculares. Florianópolis: GOGEN, 1998.

Estamos num mundo onde as pessoas se interessam por aquilo que veem utilidade em suas vidas. Quem nunca ouviu, por exemplo, alguém dizer ‘onde que eu vou usar isso na minha vida?’. A arte, nesse contexto, deve mostrar que ela está presente no cotidiano das pessoas da sociedade e que é essencial na construção do sujeito. E se a arte está presente na vida do cidadão, não existe motivo para que seu ensino fique restrito às salas de aula. A cidade e seus espaços culturais podem proporcionar um processo de ensino-aprendizagem de extrema riqueza, pois está se vivenciando a arte. “O que ‘decoramos’ ou simplesmente copiamos mecanicamente não fica em nós. É um conteúdo momentâneo, por isso conhecimento vazio que no decorrer do tempo é esquecido. Não faz parte de nossa experiência.” (MARTINS, 2005, p.128) ¹³.

Experienciar mostra-se uma forma de apropriar e desenvolver conhecimentos sobre arte, onde percebemos que a arte faz parte das nossas vidas.

7.6 OBJETIVOS:

7.6.1 Geral:

Oportunizar o reconhecimento dos espaços não formais como potencialidades para o ensino da arte, enfatizando a mediação cultural.

7.6.2 Específicos:

- Identificar espaços não formais de ensino de arte na região;
- Refletir sobre as relações entre o ensino e a mediação cultural realizada em ambientes não formais;
- Averiguar se existem na região atividades de ensino/aprendizagem da arte em espaços não formais;
- Elaborar atividades de ensino/aprendizagem da arte para serem desenvolvidas em espaços não formais.

¹³ MARTINS, Mirian Celeste (Org.). Mediação: provocações estéticas. Universidade Estadual Paulista – Instituto de Artes, Pós-graduação. São Paulo, v. 1, 2005.

7.7 METODOLOGIA

O workshop ocorrerá por um período 8hs no total, sendo realizada das 08h às 12hs e das 13:30hs às 17:30hs, dividindo-se em etapas de discussão, sendo a primeira: *O que são espaços não formais de arte?*, onde os participantes conhecerão alguns conceitos sobre essa terminologia.

Na segunda etapa será verificado junto aos representantes das secretarias de cultura da AMREC, se cada município ali representado possui alguma atividade ou espaço voltados para o ensino da arte fora da escola, em algum período do ano. Conhecendo seu calendário de atividades e o mapeamento dos espaços, ou a ausência deles, partiremos para a terceira etapa: o estudo de como se dá o processo de ensino/aprendizagem em espaços não formais, iniciando pela discussão de alguns conceitos teóricos e finalizando com a elaboração de propostas a serem compartilhadas com o grupo e posteriormente concretizadas em seus respectivos municípios.

8 CONCLUSÃO

Muito se falou nesta pesquisa sobre o ensino da arte em espaços não formais, partindo da experiência da Colônia de Férias Cultural na Helen Rampinelli Galeria Ateliê. Concluo que os objetivos do estudo foram atingidos na medida em que foi possível compreender a relevância da Colônia de Férias Cultural, realizada no mês de julho de 2015, com 25 participantes entre 6 e 12 anos, na Helen Rampinelli Galeria Ateliê, em Criciúma/SC, para a formação cultural dos familiares e crianças que participaram da colônia foi, segundo os retornos, uma oportunidade de contato com a arte ainda mais valorizada pelos momentos lúdicos em espaços não formais que instigaram a curiosidade de cada criança que participou, vivenciando arte.

Aprender arte em um espaço diferente da sala de aula, podendo explorar uma galeria de arte e interagir com outras crianças, teve uma grande repercussão entre as crianças e seus familiares e com isso foi possível perceber como essa nova geração anseia por aprender, em especial de forma lúdica, que envolvam o que já faz parte da vida deles, como por exemplo, os computadores. Nessa direção, a atividade mais comentada nos questionários foi a *stopmotion* em que envolvia fotografia e edição/criação de vídeo.

Com relação ao público participante da pesquisa de campo – apenas quatro famílias – é possível constatar como a vida agitada, de agendas cheias de compromisso, tanto dos pais quanto a dos filhos, os privam de *‘parar para responder os questionários’* ou ainda, de perceber como os espaços culturais da cidade podem contribuir na sua formação cultural. Destaco essa informação baseada na dificuldade da coleta de dados que tive durante a pesquisa, o que me fez refletir se os pais inscreveram seus filhos na Colônia com a proposta de aprender sobre arte ou como forma de preencher a agenda dos filhos de forma que possam atender a seus próprios compromissos. Ainda há a possibilidade de serem os dois motivos, unindo o útil ao agradável por assim dizer.

Vemos então que esses espaços são importantes no processo de ensino/aprendizagem da arte, mas será que a sociedade está ciente da relevância desses espaços não formais? Mesmo que poucos, os questionários respondidos trouxeram dados interessantes sobre a Colônia de Férias e o interesse das crianças em aprender arte explorando um espaço como a galeria, citado nos questionários. O

próprio PMC enfatiza a importância da interação desde a infância com os espaços culturais da cidade. Vejo que a sociedade só tem a ganhar com iniciativas, sejam elas públicas ou privadas, que oportunizam apreciar e produzir arte.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 9394/96**. Brasília: 1996. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm

BUGMANN, Sandra Regina Cláudio. UNlrevista: **O espaço da arte na escola: a exposição dos trabalhos artísticos dos alunos**. V.1. Blumenau, SC; 2006. Disponível em: http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNlrev_Bugmann.pdf.

BUORO, Anamelia Bueno. **O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola**. 6. ed São Paulo: Cortez, 2003.

CRICIÚMA, Prefeitura Municipal; Fundação Cultural De Criciúma; Conselho Municipal De Cultura. **Plano Municipal De Cultura De Criciúma**. Criciúma, SC, 2011. Disponível em:
<http://www.cultura.gov.br/documents/10907/963783/1382041891593PLANO-MUNICIPAL-E-PLANOS-MUNICIPAL-CRICIUMA.pdf/e4d23080-0068-4ab1-bac3-e4c651a4cf96>.

FRITZEN, Celdon; MOREIRA, Janine. **Educação e arte: as linguagens artísticas na formação humana**. Campinas, SP: Papirus, 2008.

GARCIA, Regina Leite. **Múltiplas linguagens na escola**. Rio de Janeiro: DP&A, Rio de Janeiro. 2000

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo, SP: Atlas, 2008.

IABELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores**. 2003.

JUNIOR, Joaquim Martins. **Como escrever trabalhos de conclusão de curso: instruções para planejar e montar, desenvolver, concluir, redigir e apresentar trabalhos monográficos e artigos**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel F. Pereira. . **Infância e educação infantil**. 6. ed Campinas, SP: Papirus, 2007.

LEITE, Maria Isabel. **Educação e as linguagens artístico-culturais: processos de apropriação/ fruição e de produção/ criação**. In: FRITZEN, Celdon; MOREIRA, Janine (Orgs.). **Educação e Arte: as linguagens artísticas na formação humana**. São Paulo: Papirus, 2008.

_____, Maria Isabel F. Pereira; OSTETTO, Luciana E. . **Museu, educação e cultura: encontros de professores com arte**. Campinas, SP: Papirus, 2005.

HOLM, Anna Marie. **Fazer e pensar arte**. São Paulo: Museu de Arte de São Paulo, 2005.

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. **Didática do ensino de arte: a língua do mundo: poetizar, fruir, e conhecer a arte**. São Paulo. 1998.

MARTINS, Mirian Celeste (Org.). **Mediação: provocações estéticas**. Universidade Estadual Paulista – Instituto de Artes, Pós-graduação. São Paulo, v. 1, 2005.

MAKOWIECKY, Sandra; OLIVEIRA, Sandra R. Ramalho e (Org.). **Ensaaios em torno da arte**. Chapecó, SC: Argos, 2008.

FERREIRA, Sueli. **O ensino das artes: construindo caminhos**. 2. ed Campinas, SP: Papyrus, 2003.

SILVA, Edna Lúcia da. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**/Edna Lúcia da Silva, Estera Muszkat Menezes. – 3. ed. rev. atual. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001.

APÊNDICE (S)



DISCIPLINA: **Trabalho de Conclusão de Curso**

ACADÊMICO: **Aline Iladi**

PROFESSOR: **Édina Regina Baumer**

Fase: **8ª**

Pesquisa: Colônia de Férias Cultural na Helen Rampinelli Galeria Ateliê

Responda com seu filho (a)

1. Que motivos contribuíram para vocês decidirem participar da Colônia de férias Cultural?

Aproveitar o momento das férias para proporcionar um momento diferente, de um contato com a arte de forma lúdica e com bastante interação.

2. Seu (sua) filho (a) já participou de evento semelhante na cidade de Criciúma? Qual?

Não.

3. Sobre qual das atividades seu (sua) filho (a) comentou mais com vocês, ao chegar em casa?

Sobre o vídeo, foi uma experiência muito legal, que mexeu bastante com a criatividade dela.

4. E qual atividade seu (sua) filho (a) mais gostou de participar?

Da produção do vídeo.

5. Você percebeu alguma mudança no seu (sua) filho (a) após a participação na colônia? Em que sentido foi a mudança?

Um despertar de sensibilidade para a arte, foi bem legal.

6. Na sua opinião, é necessário novas edições da Colônia de Férias Cultural? Por que? E na opinião de seu (sua) filho (a).

Penso que sim, até para que mais crianças possam participar e ter contato com esta experiência.

DISCIPLINA: **Trabalho de Conclusão de Curso**
ACADÊMICO: **Aline Iladi**
PROFESSOR: **Édina Regina Baumer** Fase: **8ª**

Pesquisa: Colônia de Férias Cultural na Helen Rampinelli Galeria Ateliê

Responda com seu filho (a)

1. Que motivos contribuíram para vocês decidirem participar da Colônia de férias Cultural?
a possibilidade do contato direto com a arte e o intercâmbio com diferentes crianças
2. Seu (sua) filho (a) já participou de evento semelhante na cidade de Criciúma?
Qual?
Sim Mini Chef
3. Sobre qual das atividades seu (sua) filho (a) comentou mais com vocês, ao chegar em casa?
O filme Stopmotion
4. E qual atividade seu (sua) filho (a) mais gostou de participar?
Stopmotion
5. Você percebeu alguma mudança no seu (sua) filho (a) após a participação na colônia? Em que sentido foi a mudança?
Percebi uma grande alegria por ter conhecido novos amigos e da possibilidade de “explorar” uma galeria de arte.
6. Na sua opinião, é necessário novas edições da Colônia de Férias Cultural? Por que? E na opinião de seu (sua) filho (a).
Sim acho que iniciativas como essas são fundamentais para conhecimento da arte

Na opinião de minha filha Ana Carolina a colônia é divertida e outras crianças também vão aprender e se divertir e nas novas aulas podem ser coisas diferentes . Depois as aulas vão se repetindo para outras crianças.



DISCIPLINA: **Trabalho de Conclusão de Curso**
ACADÊMICO: **Aline Iladi**
PROFESSOR: **Édina Regina Baumer** Fase: **8ª**

Pesquisa: Colônia de Férias Cultural na Helen Rampinelli Galeria Ateliê

Responda com seu filho (a)

1. Que motivos contribuíram para vocês decidirem participar da Colônia de férias Cultural?

O estilo de atividades oferecido e a oportunidade de ele ter um contato diferenciado com a arte.

2. Seu (sua) filho (a) já participou de evento semelhante na cidade de Criciúma? Qual?

Não.

3. Sobre qual das atividades seu (sua) filho (a) comentou mais com vocês, ao chegar em casa?

Sobre o Stop-Motion e o desenvolvimento do livro.

4. E qual atividade seu (sua) filho (a) mais gostou de participar?

O que ele mais gostou foi do livro, que até hoje ele gosta de criar.

5. Você percebeu alguma mudança no seu (sua) filho (a) após a participação na colônia? Em que sentido foi a mudança?

Não percebemos nenhuma mudança significativa, porque ele já era nerdkkk.

6. Na sua opinião, é necessário novas edições da Colônia de Férias Cultural?
Por que?E na opinião de seu (sua) filho (a).

Com certeza. Ele sempre pergunta quando vai ter novamente.



DISCIPLINA: **Trabalho de Conclusão de Curso**
 ACADÊMICO: **Aline Iladi**
 PROFESSOR: **Édina Regina Baumer** Fase: **8ª**

Pesquisa: Colônia de Férias Cultural na Helen Rampinelli Galeria Ateliê

Responda com seu filho (a)

1. Que motivos contribuíram para vocês decidirem participar da Colônia de férias Cultural?

O interesse da Alice por artes, trabalhos manuais e também para incentivar a disseminação da cultura.

2. Seu (sua) filho (a) já participou de evento semelhante na cidade de Criciúma? Qual?

Alice nunca havia participado de uma colônia de férias cultural, apenas havia feito aulas de artes e música na Fundação Cultural de Criciúma.

3. Sobre qual das atividades seu (sua) filho (a) comentou mais com vocês, ao chegar em casa?

A finalização do stop motion como a que havia gostado. A produção do livrinho, a que não havia gostado.

4. E qual atividade seu (sua) filho (a) mais gostou de participar?

A finalização do stop motion

5. Você percebeu alguma mudança no seu (sua) filho (a) após a participação na colônia? Em que sentido foi a mudança?

Não percebi.

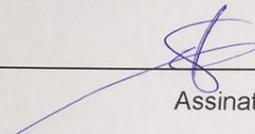
6. Na sua opinião, é necessário novas edições da Colônia de Férias Cultural?
Por que? E na opinião de seu (sua) filho (a).

Na opinião da Alice, as atividades deveriam ser menos infantis. A expectativa dela era de produzir trabalhos como os realizados pela Helen. Na minha opinião, acredito que dividir as turmas por faixa etária é uma boa ideia, pois as habilidades e interesses são diferentes em cada idade.

AUTORIZAÇÃO – USO DE FALAS, ESCRITAS E IMAGENS

Eu, CAMILA MONTEIRO TISCOSKI SAUVENRA portador do RG 3.176.299 (nº da identidade) autorizo a utilização de minhas falas, escritas e imagens e estou ciente que os dados fornecidos serão utilizados na pesquisa (Trabalho de Conclusão de Curso) de Aline Iladi, acadêmico (a) da 8ª fase do curso de Artes Visuais – Licenciatura que tem como objetivo verificar qual a relevância da Colônia de Férias Cultural, realizada no mês de julho de 2015 na Helen Rampinelli Galeria Ateliê, na formação cultural dos familiares e crianças que participaram da colônia.

Atenciosamente,



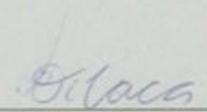
 Assinatura

Criciúma, .04.. agosto de 2015.

AUTORIZAÇÃO – USO DE FALAS, ESCRITAS E IMAGENS

Eu, Elaine Cristina Serafim Vilaça portador do RG 3497504 (nº da identidade) autorizo a utilização de minhas falas, escritas e imagens e estou ciente que os dados fornecidos serão utilizados na pesquisa (Trabalho de Conclusão de Curso) de Aline Iladi, acadêmico (a) da 8ª fase do curso de Artes Visuais – Licenciatura que tem como objetivo verificar qual a relevância da Colônia de Férias Cultural, realizada no mês de julho de 2015 na Helen Rampinelli Galeria Ateliê, na formação cultural dos familiares e crianças que participaram da colônia.

Atenciosamente,



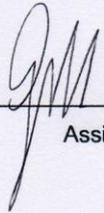
 Assinatura

Criciúma, ..26.... de outubro de 2015.

AUTORIZAÇÃO – USO DE FALAS, ESCRITAS E IMAGENS

Eu, GIULIANO DE SOUZA ANTUNES portador do RG 3.490.329 (nº da identidade) autorizo a utilização de minhas falas, escritas e imagens e estou ciente que os dados fornecidos serão utilizados na pesquisa (Trabalho de Conclusão de Curso) de Aline Iladi, acadêmico (a) da 8ª fase do curso de Artes Visuais – Licenciatura que tem como objetivo verificar qual a relevância da Colônia de Férias Cultural, realizada no mês de julho de 2015 na Helen Rampinelli Galeria Ateliê, na formação cultural dos familiares e crianças que participaram da colônia.

Atenciosamente,



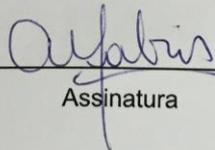
Assinatura

Criciúma, 27 de outubro de 2015.

AUTORIZAÇÃO – USO DE FALAS, ESCRITAS E IMAGENS

Eu, Andressa Begiane Fabris portador do RG 2.360.587 (nº da identidade) autorizo a utilização de minhas falas, escritas e imagens e estou ciente que os dados fornecidos serão utilizados na pesquisa (Trabalho de Conclusão de Curso) de Aline Iladi, acadêmico (a) da 8ª fase do curso de Artes Visuais – Licenciatura que tem como objetivo verificar qual a relevância da Colônia de Férias Cultural, realizada no mês de julho de 2015 na Helen Rampinelli Galeria Ateliê, na formação cultural dos familiares e crianças que participaram da colônia.

Atenciosamente,



Assinatura

Criciúma, 29 ~~agosto~~ outubro de 2015.